

O QUE PESQUISAR QUER DIZER

Como fazer textos acadêmicos
sem medo da ABNT e da CAPES

CONSELHO EDITORIAL

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juliana Tonin – PUCRS
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Juremir Machado da Silva

O QUE PESQUISAR QUER DIZER

Como fazer textos acadêmicos
sem medo da ABNT e da CAPES

3ª edição



Editora Sulina

@ Juremir Machado da Silva, 2010

Capa: Eduardo Miotto
Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto
Editoração: Clo Sbardelotto
Revisão: Álvaro Larangeira

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

S586m Silva, Juremir Machado da

O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos
sem medo da ABNT e da CAPES/Juremir Machado da Silva.
3ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2015.
95 p.

ISBN: 978-85-205-0557-1

1. Pesquisa – Metodologia. 2. Comunicação Social.
3. Sociologia. I. Título.

CDD: 301

CDU: 303.1

316

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Agosto / 2015

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

*A ciência é um empreendimento
essencialmente anárquico:
o anarquismo teórico é mais humanitário
e mais suscetível de estimular o progresso
do que suas alternativas
representadas por ordem e lei.*

Paul Feyerabend

*...O único princípio que não inibe o progresso é:
tudo vale.*

Paul Feyerabend

SUMÁRIO

1	Abertura / 9
2	Em busca de um caminho / 13
3	Nas pegadas de Heidegger / 16
4	O esquema 3-4-5-6 / 28
5	Deu no jornal: correto, verdadeiro ou desinformação? / 69
6	Muito além da ABNT / 77
7	Ensaio, teoria, pesquisa aplicada e de campo / 80
8	As ciências humanas como esporte olímpico / 83
9	Reabertura: síndrome de Mister M, ou o publicitário, o jornalista e o pesquisador / 90
	Referências / 94

1 ABERTURA

Resolvi escrever este livro depois que um estudante de 20 anos me procurou com um ar muito preocupado. Era um menino inteligente e aplicado. Lembro-me de que ele tinha os olhos azuis quase turvos de angústia. Estava terminando a sua monografia de conclusão de curso e ouvia, nos corredores da faculdade, muitos boatos que o apavoravam. Com os olhos cheios de lágrimas, deixou escapar a sua inquietação: “Professor, eu ainda não sei a diferença entre apud e in”. Comecei a rir. Ele ficou branco. Tentou explicar-se: “Ouvi dizer que as bancas não perdoam qualquer erro desse tipo”. Fiquei olhando para ele com inveja dos seus 20 anos. Acho que o meu silêncio o deixava ainda mais perturbado. Ele precisava falar: “Todo mundo morre de medo da ABNT. Tenho uma colega do ano passado que nas referências bibliográficas colocou vírgula em vez de dois-pontos depois da cidade, antes da editora, e levou a maior bronca dos avaliadores”.

Depois de alguns instantes em que me diverti com a pureza daquele guri, tentei acalmá-lo. Mas ele ainda me fez uma pergunta desconcertante: “Se a gente põe vírgula em vez de dois-pontos depois da cidade, na bibliografia, o trabalho perde a cientificidade?”. Naquele momento, no apogeu da sua juventude, a vida dele dependia de um esclarecimento quase metafísico: quando usar in ou apud para não perder a cientificidade da pesquisa? Até aí, eu estava preparado para dar-lhe uma resposta convincente. Podia, inclusive, justificar esse latim que lhe parecia tão esquisito. Mas o que dizer em relação à cientificidade dos dois-pontos preferidos pela ABNT? Na França, usa-se vírgula mesmo e nunca ouvi ninguém reclamar. No Brasil, já ouvi longas

discussões sobre temas que sempre me fazem pensar em polêmicas medievais sobre o sexo dos anjos: deve-se usar bibliografia ou referências bibliográficas? Conclusão ou considerações finais? Introdução e conclusão devem ser numeradas?

Conheci um doutorando tão preocupado com um possível fechamento definitivo da palavra conclusão, que via quase como um epitáfio, que preferiu chamar este último ato de “abertura”. Achei que era original. Em poucos meses, participando de muitas bancas, percebi que era uma nova tendência. Ao retornar para casa, depois da conversa com o jovem do in e do apud, da vírgula e dos dois-pontos, comecei a pensar que as suas dúvidas faziam sentido. Eu mesmo tinha passado por situações parecidas. Uma vez, um colega me implorou para incluir algumas notas de rodapé num texto ou ele não poderia aprová-lo no conselho científico de um congresso. Perguntei-lhe se o texto deixava dúvidas que precisassem de esclarecimentos em notas. Disse-me que não. Mas notas de rodapé, segundo ele, sempre dão legitimidade e cientificidade. Salpiquei uma dúzia de notas ao acaso e o meu texto foi saudado pelos pares como um exemplo de rigor científico.

Meu olhar sobre esses aspectos começou a ficar mais aguçado. Cada monografia, dissertação ou tese exhibe um longo referencial teórico e uma parte sobre metodologia. Raras vezes o referencial teórico e a metodologia se encontram. Quase nunca a metodologia deriva do referencial teórico. Na maior parte das vezes, o referencial teórico é um olhar emprestado que enche páginas, fixa um pano de fundo e não tem utilidade para a análise. Já a metodologia parece uma grade que se escolhe num supermercado metodológico. De posse da sua metodologia o pesquisador sai pelo mundo tentando enfiar o vivido num parâmetro (que chamará de paradigma para ganhar em cientificidade) preexistente. Tudo o que não cabe na matriz, espirra. No fundo, é como colocar água numa forminha de gelo. O excesso vira e está resolvido.

A tarefa de um pesquisador pode ser resumida em formular e testar hipóteses. Alguns entendem que não se deve perder tempo formulando hipóteses que possam ser refutadas. Limitam-se a formular hipóteses previamente “testadas”. O resultado, embora banal, é sempre positivo. Essa reflexão se impôs a mim e à decisão de escrever este livro quando pensei nas últimas mil hipóteses que analisei em projetos, monografias, dissertações e teses que caíram em minhas mãos. Se faltava ainda um estímulo, em meio a tantos afazeres, ele veio quando um professor me fez a seguinte pergunta: “Você conhece alguém da ABNT? Eu queria que eles me explicassem algumas escolhas que fazem e que não me parecem racionais”. Fiquei sorrindo. Não, eu não conheço ninguém da ABNT. Jamais alguém se apresentou ou foi apresentado a mim como sendo da ABNT.

O professor em questão teve um momento de hesitação. Depois, gaguejou: “A ABNT manda ou recomenda?”. Não respondi. Quando ele já estava indo embora, achei necessário dizer-lhe algo. Limitei-me a balbuciar: “A ABNT não é o problema”. Ele se foi. Fiquei com o problema na mão. Afinal, qual é o problema? Uma metodologia para usar, ao menos, em comunicação, que não seja artificial nem hilariante como “estudo exploratório com base em revisão bibliográfica”. Muitas vezes, visto com algum humor, parece que se faz o óbvio e está bem. Quer dizer, está bem se houver um rótulo para fazer desse óbvio uma metodologia. Algo assim: “Método das aproximações sucessivas em relação a um objeto multifacetado”.

Uma pergunta que me fazem com frequência também me impulsionou a escrever este livro: o que faz um texto ser acadêmico? Ou: para ser acadêmico um texto precisa ser obscuro, ilegível e ter palavras difíceis ou nunca usadas? Outra pergunta (feita quase sempre por jornalistas e publicitários): é preciso mesmo seguir as regras do texto acadêmico?

Posso garantir que para escrever bem em termos acadêmicos não é preciso escrever mal.

Nem fazer frases e parágrafos intermináveis.

Revelação: apesar do que pensam alguns, a profundidade não se encontra no tamanho da frase.

Cada campo tem suas regras. Não se joga futebol com a mão (salvo o goleiro, Maradona e o atacante francês Thierry Henry). A regra de ouro do texto acadêmico em ciências humanas é muito simples: nada pode ficar sem argumentação. Certa vez, numa dissertação, ao final de cada capítulo, havia esta frase: “É assim porque está escrito nas estrelas”. Não vale. É mão. O texto acadêmico é um texto argumentado em que tudo exige demonstração.

O resto é estilo (ou falta de).

As estrelas não são um bom suporte para textos.

Talvez nenhum livro teórico tenha me marcado tanto quanto *Contra o método* (1977), de Paul Feyerabend. Lançado nos Estados Unidos em 1975, causou furor nas hostes positivistas. Eu o li, pela primeira vez, em 1983, aos 21 anos de idade, quando cursava, ao mesmo tempo, as faculdades de História e de Jornalismo. Na verdade, comprei-o de um estudante de Filosofia e Jornalismo que estava largando tudo para virar hare krishna. Acho que não cheguei a pagá-lo. Pelo que sei, sem prova cabal, aquele jovem saturado de racionalismo ocidental hoje é um empresário bem-sucedido no ramo da metalurgia. *Contra o método* me abriu caminho para outro livro desestabilizador: *A Estrutura das revoluções científicas* (1982), de Thomas Kuhn, lançado originalmente em 1962.

Depois desses dois livros, nunca mais fui o mesmo. Ainda não sei se isso é bom ou ruim. Os dados estavam lançados para mim. Não foram poucas as loucuras que fiz pensando seguir o que mostravam. Feyerabend e Kuhn desmontaram discursos de autoridade com base na autoridade de que dispunham para tanto. Um belo paradoxo. Reli esses textos seminais em 2009. Concluí, o que pode ser mais uma loucura, que estava na hora

de escrever, a partir de textos que vinha publicando e de leituras que me impressionam, o meu pequeno manual de antimetodologia positivista. Na verdade, um esboço de metodologia aberta para o campo da comunicação baseado em Martin Heidegger, Edgar Morin, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Michel Maffesoli, Jean Baudrillard, Thomas Kuhn e Paul Feyerabend. Embora possa existir uma relação ou ressonância, não estou tentando fazer eco a Eco. Os tempos são outros. As escalas também.

A aventura é a mesma.

Uma aventura que vai muito além da ABNT.

Ainda bem.